

A QUESTÃO CELTA DO NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA: ENTRE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

Maria Isabel D'Agostino Fleming
Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo
mi.fleming@usp.br

Recebido em: 14/02/2019
Aprovado em: 20/06/2019

Resumo :

Pesquisas arqueológicas mais recentes do noroeste da Península Ibérica revelam uma identidade cultural durante a Idade do Ferro que se manifesta tanto na cultura material (metalurgia e cerâmica), como na organização do espaço, implantação dos assentamentos no território ou na organização social. Quando da conquista romana, este aspecto é registrado pelos historiadores e geógrafos greco-latinos nos últimos anos do primeiro milênio a.C., ao ressaltar esta unidade frente a outras áreas vizinhas. Tais características culturais serão examinadas à luz de teorias que atribuem a identidade galega à cultura celta, com base em fontes literárias clássicas e da linguística, e que dão grande ênfase à "celtização" do noroeste da Península Ibérica.

Palavras-chave : Ibéria Romana – Celtização – Identidade Cultural

Abstract :

Recent archaeological research of the Northwest Iberian Peninsula reveals a cultural identity during the Iron Age that manifests itself in material culture (metallurgy and ceramics), as well as in space organization, settlement implantation in the territory or in social organization. At the time of the Roman conquest, this aspect is recorded by the Greco-Latin historians and geographers in the last years of the first millennium BC, when emphasizing this unit compared to other neighboring areas. Such cultural characteristics will be examined in the light of theories that attribute Galician identity to Celtic culture, based on classical literary and linguistic sources, and which emphasize the 'Celtization' of the Northwestern Iberian Peninsula.

Keywords : Roman Iberian –Celtization – Cultural Identity

INTRODUÇÃO

Pesquisas arqueológicas mais recentes do noroeste da Península Ibérica revelam uma identidade cultural durante a Idade do Ferro que se manifesta tanto na cultura material (metalurgia e cerâmica), como na organização do espaço, implantação dos assentamentos no território ou na organização social. Quando da conquista romana, este aspecto é registrado pelos historiadores e geógrafos greco-latinos nos últimos anos do primeiro milênio a.C., ao ressaltar esta unidade frente a outras áreas vizinhas. Tais características culturais são examinadas criticamente pelos estudiosos da atualidade, especialmente quanto ao processo das investigações, cujo percurso a partir das últimas décadas do século XIX reflete um claro envolvimento de questões políticas e culturais: da atribuição da identidade galega à cultura celta com grande ênfase à "celtização" do noroeste da Península Ibérica, as pesquisas passam ao extremo oposto em busca das raízes castrejas pré-célticas, numa manifestação de celtofobia. Este texto pretende abordar brevemente as análises recentes da historiografia sobre o desenvolvimento e desdobramento das pesquisas históricas e arqueológicas na Galícia, tendo em vista seu caráter regional bastante diferenciado de outras áreas da Península Ibérica.

CELTAS, HISTORIOGRAFIA E ARQUEOLOGIA NA GALÍCIA

O contexto de celta ou céltico foi politicamente manipulado na Europa e na Galícia durante o séc. XIX e sua instrumentalização provocou uma mudança nas metodologias e teorias da investigação arqueológica, seja europeia quanto galega. Segundo Díaz Santana (2001, p. 311), a carga ideológica do conceito celta causou mais tarde uma rejeição generalizada aos estudos etnológicos e, sobretudo, às definições paleoetnológicas, que buscavam uma maior objetividade científica, com vistas à confirmação de raízes da formação galega. Ainda que inicialmente as obras da primeira metade do século XIX tenham a ideia de mestiçagem como um elemento comum (fenícios, cartagineses, celtas, romanos, gregos), as mesmas tendem a considerar que o

elemento celta é predominante, o que marca o *Volkgeist* (González Ruibal, 2006-2007, p. 44).

No mundo da arqueologia, recentemente o celtismo tem sido um dos assuntos favoritos de investigação, apesar de nunca ter deixado de ser um assunto vivo, sendo objeto de estudos cujos temas apresentam várias peculiaridades (Ruiz Zapatero, 2005; Parcerro Oubiña, 2005; Armada, 2002, 2005; de la Peña, 2005).

A primeira peculiaridade é sua abordagem sob uma perspectiva historiográfica, antes de histórica ou arqueológica, isto é, que analisa o celtismo como um elemento especialmente polêmico dentro da construção do discurso histórico e/ou arqueológico da Península Ibérica (Parcerro Oubiña, 2005, p. 152). A partir da década de 1980 foi alterado substancialmente o contexto nacionalista em que foi situada a pré-história da Galícia, na medida em que o foco da atenção desviou-se para os condicionantes externos à investigação. Nesse sentido, o interesse passou a ser o contexto histórico em que se situava o investigador. O grande mérito das análises historiográficas hoje desenvolvidas foi o de saber reformular-se para superar seu caráter inicial puramente descritivo e colocar como um postulado básico o de que o discurso histórico é uma construção tanto composta pelos elementos documentais sobreviventes do passado que se pretende reconstruir, como pelo contexto presente no qual é produzido. Desta forma, as condições contextuais (sociais, políticas, religiosas, culturais, individuais...) que confluem no indivíduo produtor desse discurso são igualmente responsáveis pelo desenvolvimento de determinados tipos de recriações históricas.

Nesta abordagem crítica, a historiografia da investigação pré-histórica na Galícia trouxe à luz a relação direta entre passado e presente que a historiografia nacionalista do século XIX pretendeu traçar, assim como havia feito em muitos outros lugares da Europa e da América. Através dessa análise, a identificação entre pré-história galega e celtismo emergiu como um elemento essencial, como uma forma de identificação própria oposta ao resto da Espanha. Comparativamente ao noroeste português, na região entre o Douro e o Minho, a Galícia espanhola possui uma língua distinta do resto da Espanha, umas tradições diferentes e desde o último quartel do século XIX um movimento regionalista busca o respeito de seu caráter peculiar. A arqueologia galega tem o caráter potencialmente emancipatório

Segundo Díaz Santana (2001, p. 320), historiograficamente, o importante não é apenas verificar se é outorgada ou não aos dados uma definição paleoetnológica, mas a intenção última da investigação. Ou seja, em última instância a interpretação arqueológica, seja qual for, justifica no passado uma identidade nacional que existe unicamente no presente. A autora afirma que “a investigação que se realiza tem por objeto sempre a Galícia”. Ainda que faça ressalvas de que nem toda a investigação orientada para o NO peninsular seja nacionalista, chama a atenção sobre o conceito de história nacional criado pelos investigadores do século XIX que perdura na pesquisa da maioria dos autores galegos contemporâneos na visão autônoma da própria história do NO peninsular. É exemplo o tratamento que é dado à Cultura Castreja “galega”. É um adjetivo que supõe atribuir uma limitação com conotações políticas e administrativas atuais a uma etapa cultural do passado para a qual tais limites não são úteis. Este esforço para colocar limites geográficos à Cultura Castreja do NO peninsular, de forma suspeita muito similares aos da atual comunidade autônoma, são bastante notáveis em obras de autores galegos, como Calo Lourido (1997, *apud* Díaz 2001, p. 320), entre outros (de la Peña, 1992, 1995, 1997; Pereira Menaut, 1997) (*apud* Díaz Santana 2001, p. 320). Por outro lado, em investigações mais globais, os limites culturais passam para um segundo plano (Bradley, Criado e Fábregas, 1995; Fábregas y Ruiz-Gálvez, 1997; Almagro Gorbea, 1993 a, b, c, 1994; Ruiz Gálvez, 1991, 1993) (*apud* Díaz Santana 2001, p. 320).

A pós a geração desses arqueólogos e pré-historiadores do século XIX, cabe aqui discorrer sobre a corrente intelectual da Galícia fruto do ressurgimento cultural a partir da década de 1910. Este grupo foi responsável pela criação da revista *Nós*, promovida pela ‘Xeración Nós’, com publicações de política, história da arte, etnografia, arqueologia etc., sendo que teve um papel relevante na produção intelectual o Seminário de Estudos Galegos, criado em 1923. Eram apresentadas sessões de Ciências Naturais, Ciências Aplicadas, Geografia, Etnografia e Folclore, História, Pré-História, Arqueologia, Filologia, História da Literatura, Artes e Letras e Ciências Sociais, Jurídicas e Econômicas. Este movimento foi interrompido pela Guerra Civil. É interessante notar que, apesar do subdesenvolvimento da historiografia, a pré-história e a arqueologia tiveram um salto qualitativo frente ao retrocesso da história, mesmo em relação aos seus predecessores da metade do século XIX.

“Não é casual esta perda de importância da História frente à Arqueologia e Pré-História. A ‘Xeración Nós’ queria fazer uma ciência galega de nível europeu e sua ênfase no científico podia se refletir muito melhor em uma disciplina como a arqueológica do que na historiografia...Por outro lado, o êxito da arqueologia na ‘Xeración Nós’ pode ser explicado também porque na Pré-História final existia um referente de prestígio que permitia vincular Galícia e Europa: os celtas. Utilizando o termo ‘celtas’ para seu passado, os arqueólogos galegos podiam homologar-se ao resto da Europa ocupada por este povo: Alemanha, França e Reino Unido, os países científicos e desenvolvidos por antonomásia.” (González Ruibal, 2006-2007, p. 48, 49).

A questão de sobrevivência política desta ‘Xeración Nós’ no regime franquista, ainda que seus trabalhos tivessem um peso nacionalista e regionalista, se explica pela sua posição conservadora, católica militante e antimarxista, especialmente num momento em que a Espanha revelava simpatia por Hitler. Um dos expoentes deste movimento nacionalista franquista do pós-guerra era Vicente Risco, cuja obra mostra a visão que tinha do passado celta, assinalado em cinco pontos por Bobillo (1981, *apud* González Ruibal, 2006-2007, p. 51):

- 1) A civilização europeia que teve seu berço no Mediterrâneo está chegando ao fim.
- 2) A força que há de salvar a Europa deslocou-se para o Atlântico.
- 3) As etnias mediterrâneas, por sua mestiçagem – judeus, mouros etc. – contribuíram à decadência. No Atlântico se mantêm populações arianas quase puras.
- 4) As populações celtas se encontram em zonas privilegiadas: Escócia, Irlanda, Gales, Bretanha, Galícia etc.
- 5) Estas nações célticas hão de se colocar à cabeça da Europa para sua reconstrução espiritual.

Nota-se a valoração moral da contribuição cultural mediterrânea e atlântica que caracterizava o pensamento de Risco e autores contemporâneos franquistas, os quais relacionam o Mediterrâneo à decadência e à esterilidade. Conseqüentemente, era evidente a superioridade da nação galega, ariana, em contraposição ao resto da Espanha semita.

Na tentativa de libertação do celtismo para justificativas nacionalistas, tanto do utilizado no século XIX, como no século XX pela 'Xeración Nós' de teor franquista, a investigação proto-histórica posterior enveredou pelo caminho de criação da identidade galega através do paradoxo da celtofobia, um novo mito historiográfico, no qual alguns autores se apoiam para demonstrar cientificamente a existência desde a pré-história de uma série de traços diferenciais anteriores às invasões celtas que teriam perdurado no ser galego atual. Esta reviravolta radical tem em seu bojo a impossibilidade de demonstrar que à Galícia, assim como na maior parte da Espanha, chegaram celtas europeus em massa. Este processo de expulsão do céltico transforma tudo o que pode haver de céltico na Galícia em cultura castreja.

Nesse sentido, o contexto investigativo não difere tanto de outras zonas da Espanha em que não são mais procurados agentes exteriores pré-romanos, com exceção da região do rio Ebro; com alguns vestígios galaicos da Catalúnia, com evidências da cultura Hallstatt; e na região costeira, com assentamentos gregos e fenícios.

Ao mesmo tempo, deve ser reconhecido que para além do NO da Península Ibérica, o próprio desenvolvimento dos estudos sobre o celtismo no conjunto da Europa tem uma conotação semelhante que vê as necessidades atuais refletidas no passado, onde é buscado o elemento de fundamentação para as políticas de unidade europeia – e também na atualidade, a exemplo da conhecida exposição veneziana, de 1991, "I Celti" (Parcero Oubiña, 2005, p.153).

Assim, muitos autores que promovem uma ativa corrente "anticeltista" na Galícia se deram conta disso e inverteram completamente o sentido dos termos para sugerir que o celtismo é susceptível de apoiar conteúdos e sentidos políticos, não só diversos, mas tão opostos como o nacionalismo e as diferentes formas de europeísmo.

Entretanto, contrariamente a esta corrente da historiografia crítica centrada no problema céltico e a proto-história da Galícia, Armada (2005, p. 171) ressalta que a tendência de associação entre celtismo e nacionalismo não pode ser aplicada generalizadamente para qualquer investigação e qualificada de volta ao passado. Segundo o autor, na Galícia não se discutiu se em um nível geral tinha sentido continuar falando de celtas em uma perspectiva arqueológica. Na realidade, a partir da década de

1970, postulou-se que não havia nada que ver com os celtas, independentemente do que se entendesse por tal conceito assim como o que se designava por celticidade. Por conseguinte, o anticeltismo invadiu todos os âmbitos da investigação. É relevante considerar que o nascimento de uma corrente anticeltista corresponde a uma reação da primeira geração de arqueólogos profissionais que rompia com os excessos da pesquisa amadora de partidários do franquismo. Nas palavras do autor (Armada, 2005, p. 172-173):

“Em síntese, as razões que nas últimas décadas do século XX levam à negação da celticidade como argumento operativo na investigação proto-histórica da Galícia são diversas, não podem atribuir-se à influência de uma figura concreta e provavelmente têm algo a ver com os desejos de ruptura e a construção de uma identidade própria para as primeiras gerações de arqueólogos profissionais. Não há dúvida de que os argumentos defendidos até então por correntes epistemológicas anteriores e diversas necessitavam uma forte revisão crítica, mas o que cabe perguntar-se é por que esta recondução assume como bandeira a negação do celtismo e não o restabelecimento crítico do conceito, na direção empreendida em outros lugares da Península e da Europa... Dessa forma, o estudo historiográfico do paradigma anticeltista na arqueologia galega encontra-se ainda pendente de um desenvolvimento adequado, o que implica a desconstrução desses modelos com o questionamento de seus fundamentos teórico-metodológicos com a perspectiva diacrônica que atenda suas origens intelectuais.”

Retomando as ressalvas de Díaz Santana (2001) de que nem toda a investigação orientada para o NO peninsular seja nacionalista, a respeito da questão europeia, celtização e celtofobia, Rosa Brañas (2005) critica as posições desta corrente de arqueólogos da década de 1970 ao afirmar que em muito poucos casos tentou-se reavaliar as teorias antropológicas à luz dos descobrimentos arqueológicos. Nesse contexto da crítica de que o conhecimento do mundo proto-histórico galaico serve a determinados interesses extra-profissionais, propõe uma reflexão que evidencie algumas dificuldades derivadas da prática arqueológica atual no território galaico. Primeiramente, na década de 1970, foi intenso o questionamento da longa tradição historiográfica celtista e das teorias invasionistas em voga até o momento, na década seguinte supunha-se para os estudos arqueológicos castrejos a perda definitiva de qualquer referente epistêmico, especialmente a interpretação das comunidades intermediárias galaicas na chave “gentílica”, ou seja, desconsideravam os grupos sociais habitantes dos castros como comunidades de parentes, “o que contribuiria a afundar

mais as diferenças de natureza entre nossas comunidades e as do resto da Hispania céltica (*gentes, gentilitates* etc.)” (Brañas, 2005, p. 156).

A natureza igualitária das comunidades galaicas pré-romanas (agora definidas como “segmentárias”) torna a ser defendida hoje em dia a partir do campo da arqueologia, com o mérito de tentar, por fim, reconciliar antropologia e história. Apesar disso, a autora teme que um excesso nesse sentido não permita observar em sua plenitude a realidade da “mudança” frente às “estruturas” (história *versus* antropologia). Este excesso frustrará em grande medida essas tímidas tentativas de aproximação interdisciplinar. (Brañas, 2005, p. 157).

Em seu texto, Brañas (2005, p. 166) levanta as inconsistências da panorâmica geral da Cultura Castreja do ponto de vista arqueológico em vista das interpretações do registro arqueológico, que podemos resumir nessas linhas: a) a estrutura social, na qual grupos exógamos constituíam segmentos sócio-políticos autônomos entre os quais não se detectam relações de qualquer natureza, mesmo que se possam supor entidades superiores – os *populi*; b) seriam grupos camponeses pacíficos e basicamente igualitários, portanto, não existiam grupos funcionalmente diferenciados da massa dos produtores, o que contrasta fortemente com a panóplia militar indígena e os complexos sistemas de fortificação; c) as inúmeras peças de ourivesaria nessa sociedade não representam tradicionais signos externos de status e prestígio individual, mas propriedade coletiva dos habitantes do castro; finalmente, d) a possibilidade de aportes de população procedentes do exterior (invasões, migrações de qualquer relevância) se propõe a partir de uma concepção caduca de mudança social, e tampouco é referendado pelo registro arqueológico. A celticidade linguística é um epifenômeno que não merece a atenção dos arqueólogos.

A autora conclui que não está convencida pelas metodologias empiristas que subordinam o modelo (ou a teoria) aos ‘enunciados observacionais’, “posto que nada garante que ‘n’ observações deem conta da realidade se o observado – ou depreciado – ‘n+1’ aniquila o todo” (Brañas, 2005, p. 166).

CONCLUSÃO

Neste breve panorama da historiografia sobre o desenvolvimento e desdobramento das pesquisas históricas e arqueológicas na Galícia, podemos evidenciar o papel desempenhado pelo pós-processualismo que provocou uma mudança expressiva nas metodologias e teorias da investigação arqueológica em âmbito europeu, com reflexos, ainda que bem mais tênues e defasados, na Galícia. Apesar de não ser novidade recente a polêmica relativa ao emprego do celtismo, sobretudo na investigação arqueológica do mundo castrejo, o que constituiu uma novidade foi o tom incisivo que adquiriu em alguns casos. A intensidade da disputa entre os grupos e a defasagem em termos de discussões teóricas substantivas em relação aos demais contextos de eventual vinculação à cultura celta do continente europeu podem ser explicadas pela história muito associada a problemas de identidade cultural e nacional galega. Esta trajetória mostra um cenário político-partidário, com uma duração suficientemente longa, o franquismo, para impedir que o ambiente acadêmico pudesse discutir questões de pesquisa já mais amadurecidas fora da Espanha. Mesmo a questão celtista e anticeltista se vincula a antagonismos entre grupos franquistas, considerados amadores, e a chamada primeira geração de arqueólogos profissionais. Isso evidentemente mostra o quanto a política acaba por empanar a visão crítica, em plena década de 1970, quando outras propostas estavam em amplo desenvolvimento, como a Nova Arqueologia, e que em menos de uma década seriam também questionadas. Aparentemente, essas e outras questões teóricas e orientações epistemológicas de estudos arqueológicos passaram ao largo de boa parte das pesquisas do NO da Península Ibérica da Galícia até períodos bem recentes.

A esse propósito, cito Alfredo González Ruibal (2005, p. 184):

“Os celtas, enfim, existam ou não, venham de onde venham, me parecem um conceito epistemologicamente inútil e confuso, que nos distrai das questões antropológicas e historicamente significativas e que separam a arqueologia da Idade do Ferro do desenvolvimento teórico e metodológico geral da disciplina, ao fazê-la girar continuamente em torno às mesmas e específicas questões. Estas se centram num fantasmagórico e quase inalcançável mundo

do espírito, em vez de atender a ‘o sensorial do mundo da vida’, que, como bem assinala Bermejo (2004, p. 119), deveria ser a preocupação principal dos arqueólogos..... Quem sabe não seja casual que a renovação da arqueologia britânica da Idade do Ferro tenha vindo paralelamente ao abandono do termo celta, graças ao qual puderam se pensar *different Iron Ages* (Hill e Cumberpatch, 1993). De todas formas, as últimas revoluções teóricas em arqueologia não procedem precisamente da análise da Proto-história, pesem as qualidades ótimas que oferece (denso e bem sistematizado registro arqueológico, diversidade de fontes históricas). Quem sabe deveríamos perguntar-nos, em consequência, por que os maiores desenvolvimentos recentes da arqueologia se encontram no Neolítico e na Idade do Bronze, os períodos históricos e as culturas extra-europeias, lugares e tempos maravilhosos em que não existiam os celtas (sim?)”

Entretanto, cabe ressaltar que há exemplos de boa pesquisa arqueológica nesta área e fora da problematização céltica ou não céltica, entre os quais cito o trabalho de Carlos Marín Suárez (2007), “Los materiales del castro de San Luis (Allande, Asturias)”, que propõe uma reflexão teórica sobre o que deve ser o estudo da tecnologia cerâmica, graças à aplicação de conceitos antropológicos, como as Cadeias Operatórias e a superação definitiva das análises tipológicas, que nos permitem apresentar os tipos e técnicas cerâmicas básicos a partir do século IV a.C. no ocidente de Astúrias. A união das Cadeias Operatórias e das análises contextuais possibilita estabelecer hipóteses de processos sociais, que no caso concreto de estudo são apresentadas em chave de gênero.

Considerando as críticas de Brañas (2005, p. 157), de que em muito poucos casos se tentou reavaliar as teorias antropológicas à luz dos descobrimentos arqueológicos, este é um estudo exemplar em que a interdisciplinaridade é o meio para alcançar as respostas sobre tradições tecnológicas historicamente situadas.

O trabalho analisa métodos de aprender e transmitir um conhecimento tecnológico, de modelos mentais de processos materiais, de uma especialização hereditária e de escolhas tecnológicas fortemente regidas por normas sociais. Tanto as escolhas tecnológicas, as características de uma Cadeia Operatória, as ferramentas utilizadas ou os produtos finais podem sentir-se pelas artesãs que desenvolvem a

cerâmica num sentido identitário, quem sabe em chave de gênero, de identidade artesanal ou de ambas as coisas ao mesmo tempo. Para o autor, “Se atendemos à complementaridade das tecnologias de cada sociedade, um de nossos objetivos deve ser [identificar] o modo em que as sociedades castrejas estruturaram simbólica e espacialmente um artesanato metalúrgico em mãos masculinas que reforça a ideologia guerreira, com um artesanato cerâmico em mãos femininas”. (Marín 2007, p. 157).

Ao mesmo tempo, a pesquisa mostrou que a mudança fundamental nas Cadeias Operatórias pré-romanas da fabricação cerâmica não se produziu tanto nas formas e decorações, mas na rotação empregada e na sequência de montagem das vasilhas. No nível social esta mudança supôs o fim do controle tecnológico feminino de uma tradição milenar e o fim das produções locais ou autossuficiência tecnológica. Nas palavras do autor (Marín 2007, p. 158), “Além disso, se nos apresenta uma necessidade urgente de reformular teoricamente a tecnologia em nossa disciplina, já que as teses funcionais-economicistas e androcêntricas perpetuam as perniciosas consequências sociais da Arqueologia tradicional”.

Com apoio nas publicações de pesquisas arqueológicas do contexto castrejo na última década, mais frequentemente com bases teóricas bem estabelecidas e criticamente situadas, conforme o trabalho aqui apresentado, podemos ser mais otimistas com o futuro da história e arqueologia do NO da Península Ibérica.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-GORBEA, M. Secuencia cultural y etnogénesis del centro y noroeste de la Península Ibérica. *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*, vol. 1, Vigo, 1993a, p. 121-38. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.

_____. Los Celtas en la Península Ibérica: Origen y Personalidad Cultural. In: ALMAGRO-GORBEA, M.; ZAPATERO, G. Ruiz (Ed.) *Los Celtas: Hispania y Europa*. Madrid: Editorial Actas, 1993b, p. 121-72. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.

- _____ La introducción del Hierro en la Península Ibérica, contactos precoloniales en el Periodo Proto-orientalizante. *Complutum*, Madrid, vol. 4, p. 81-94, 1993c. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.
- _____ El urbanismo en la Hispania “Celtica”: castros y oppida. In: ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN BRAVO, A.M. (Ed.) *Castros y Oppida en Extremadura*. *Complutum* Extra, Madrid, vol. 4, p. 13-76, 1994. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.
- ARMADA PITA, X.L. El debate sobre los celtas y la etnicidad del noroeste peninsular. Una revisión crítica y algunas propuestas. *Arqueoweb*, v. 4, n. 2, 2002. Disponível em <www.ucm.es/info/arqueoweb>, acceso 15 jul. 2012.
- _____ Los celtas ante la arqueología del mañana: Ideas y perspectivas desde Galicia. *Complutum: Un círculo de lectores: Miradas sobre los celtas del NO de la Península Ibérica*. Madrid, vol. 16, p. 170-180, 2005.
- BERMEJO BARRERA, J.C. *¿Qué es la historia teórica?* Madrid: Akal universitaria, 2004. *Apud* González Ruibal 2005, p. 184.
- BOBILLO, F.J. *Nacionalismo gallego: La ideología de Vicente Risco*. Madrid: Akal universitaria, 1981. *Apud* González Ruibal 2006-2007, p. 51.
- BRADLEY, R.; CRIADO BOADO, F.; FÁBREGAS VALCARCE, R. Rock art and the prehistoric landscape of Galicia: the results of field survey 1992–1994. *Proceedings of the Prehistoric Society*, Cambridge, v. 61, January, p. 347-370, 1995. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.
- BRAÑAS, R. Arqueología versus Sentido Común. *Complutum: Un círculo de lectores: Miradas sobre los celtas del NO de la Península Ibérica*. Madrid, v.16. p. 156-169, 2005.
- CALO LOURIDO, F. *A cultura Castrexa*. Edición A Nosa Terra, 2ª edición (1ª edición en 1993), Colección Historia de Galicia 3, Vigo, 1997. *Apud* Diaz 2001, p. 320.
- DÍAZ SANTANA, B. Arqueología y política en la investigación protohistórica de Galicia. *Complutum*, Madrid, v. 12, p. 311-24, 2001.
- FÁBREGAS VALCARCE, R.; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. El Noroeste de la Península Ibérica em el IIIº y IIº milenios a.C.: propuestas para una síntesis. *Saguntum*, Valencia, v. 30, p. 191-216, 1997. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. ¿ Para qué sirven los celtas? *Complutum: Un círculo de lectores: Miradas sobre los celtas del NO de la Península Ibérica*. Madrid, v. 16, p. 181-85, 2005.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.). *Brigantium*, Coruña, Boletín do Museo arqueolóxico e histórico Castelo de San Antón Coruña, v. 18, T. 1, p. 11-272. 2006-2007

- HILL, J.D.; CUMBERPATCH, C.G. Volviendo a pensar la Edad del Hierro. *Trabajos de Prehistoria*, Madrid, v. 50, p. 127-37, 1993. *Apud* González Ruibal 2005, p. 184.
- MARÍN SUÁREZ, C. Los materiales del castro de San Luis (Allande, Asturias). *Complutum*, Madrid, v. 18, p. 131-60, 2007.
- PARCERO OUBIÑA, C. Los celtas en la cara de la Luna. *Complutum: Un círculo de lectores: Miradas sobre los celtas del NO de la Península Ibérica*. Madrid, v. 16, p. 156-69, 2005.
- PEÑA SANTOS, A. de la. El primer milenio a.C. en el área gallega: génesis y desarrollo del mundo castreño a la luz de la Arqueología. *Paleoetnología de la Península Ibérica* (M. Almagro Gorbea, M.; G. Ruiz Zapatero, eds.), *Complutum*, Madrid, v. 2-3, p. 373-94, 1992. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.
- _____ La secuencia cultural del mundo castrexo galaico. In: HIDALGO, CUÑARO, J.M. (Coord.) *A Cultura Castrexa galega a debate*. Vigo: Instituto de Estudos Tudenses, p. 65-103. 1995. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.
- _____ Os pobos castrexos antes da conquista romana. *O feito diferencial galego na Historia*, Vol. I, Museo do Pobo Galego, Santiago de Compostela. p. 143-91, 1997. *Apud* Díaz Santana 2001, 320.
- _____ Quiero creer. Reflexiones desde Galicia de un escéptico en celtismo. *Complutum: Un círculo de lectores: Miradas sobre los celtas del NO de la Península Ibérica*. Madrid, v. 16, p. 205-208, 2005.
- PEREIRA MENAUT, G. Un pobo e unha natio moi particulares. Vol. I, Museo do Pobo Galego, Santiago de Compostela, p. 237-49, 1997. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.
- RUIZ ZAPATERO, G. Un círculo de lectores: Miradas sobre los celtas del NO de la Península Ibérica. *Complutum*, Madrid, v. 16, p. 151-208, 2005.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. Late Bronze Age Atlantic exchange and the building of the regional identity in the west Iberian Peninsula. *Oxford Journal of Archaeology*, Oxford, v. 10, n. 3, p. 277-307, 1991. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.
- _____ El Occidente en la Península Ibérica, punto de encuentro entre el Mediterráneo y el Atlántico a fines de la Edad del Bronce. *Complutum*, Madrid, v. 4, p. 41-68, 1993. *Apud* Díaz Santana 2001, p. 320.